



O MEU AMANTE DE DOMINGO

o meu amante
de domingo

Alexandra
Lucas Coelho

L I S B O A
TINTA-DA-CHINA
M M X I V

Para o Changuito, que disse: dá-le

*Para a Maria Mendes,
que leu Nelson Rodrigues aos 13 anos*

© 2014, Alexandra Lucas Coelho
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6-A,
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/9
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *O Meu Amante de Domingo*
Autora: Alexandra Lucas Coelho
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (Vera Tavares)

1.ª edição: Novembro de 2014

ISBN 978-989-671-237-2
Depósito Legal n.º ??????/14

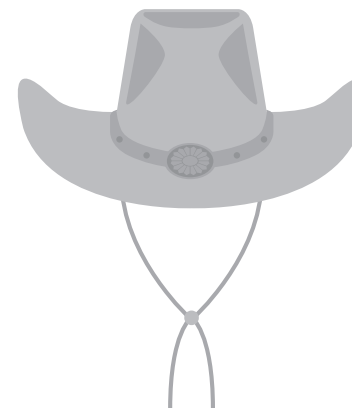
Muito difícil negociar com esse tipo de mulher.

ULISSES

ÍNDICE DE CAPÍTULOS

- I. A avaria · 15
- II. Nelson Rodrigues encontra o cão · 21
 - III. O mecânico iminente · 25
 - IV. Como dizer *você* na cama · 29
 - V. Observação do volume · 33
 - VI. Menina e moça · 37
 - VII. Nêspersas em Maio · 41
 - VIII. Entra o cáuboi · 45
 - IX. Um beijo no Paço · 49
 - X. Quem sabe, escrever · 55
 - XI. Euclidiana · 59
 - XII. Uma agulha no DNA · 63
 - XIII. O futuro Nobel · 67
 - XIV. A ruiva com o revólver · 71
 - XV. Cântico do cabrito · 75
 - XVI. PAHHHHHHH! · 79
 - XVII. Isto não é sobre amor · 85
 - XVIII. O livro vindo · 91
 - XIX. Anunciação · 93
 - XX. Está a falar comigo? · 103
 - XXI. *Flashback* de um engate · 107
 - XXII. O meu estilo é costas · 111
 - XXIII. Diálogo com a caveira · 115

xxiv. Poema sumério ·	117
xxv. Assassina em série ·	119
xxvi. Balzaquiana ·	121
xxvii. Nada nos aproxima tanto ·	125
xxviii. Além-túmulo ·	127
xxix. Os maus sentimentos ·	129
xxx. Tudo o que havia a ver ·	133
xxxI. Apolo na piscina ·	135
xxxII. <i>Hammam</i> ·	137
xxxIII. A vuvuzela da verosimilhança ·	139
xxxIV. Dia perfeito para um motel ·	143
xxxv. Revista do coração do meio literário ·	149
xxxvi. O dedo na ferida ·	153
xxxvii. E essa foi a última conversa que tivemos ·	155
xxxviii. A rapariga de trinta anos ·	159
xxxix. Insónia ·	161
xL. Até ao toucinho ·	165
xLI. O olho do louco ·	167
xLII. A melhor vingança ·	171
xLIII. The end ·	175
Agradecimentos ·	179
Nota biográfica ·	181



CAPÍTULO I
A AVARIA

O meu amante de domingo fez uma tatuagem na cadeia. É a cara de uma santa, no peito oposto ao do coração. Ele tem peitos duros, pontudos, ela está entre o mamilo e a axila, quando ele baixa os braços é como se a protegesse. A cadeia foi por abandono da Porta de Armas, o abandono da Porta de Armas por causa de uma mulher. Basicamente, ele largou tudo para foder.

Ele diz *póssamos, vareia (isso vareia...)*. Completou quatro anos de escolaridade, há quarenta anos. Temos a mesma idade, ele no litoral, eu no interior.

Cheguei ao interior em Março, um gelo do caraças. Os alentejanos, lacónicos: *Vai ver no calor*. Estamos em Junho, estou a ver, mas difícil é não haver mar. Nunca tinha morado a mais de cem quilómetros do mar, mais de cem quilómetros em qualquer direcção. Em Portugal, isso é meio caminho antes que o país acabe. Mais cem quilómetros para dentro, e fortes, fortins, fortalezas, baluartes de contrabandistas ainda no tempo em que o meu amante de domingo e eu andávamos na escola, ao contrário de hoje, ele

no interior, eu no litoral. Com tudo o que nos separa, provável mesmo era não nos conhecermos. Mas neste futuro de toda a utopia alguns doutorados ainda têm carro, pelo menos uma carcaça, e os carros avariaram-se em qualquer lugar, sobretudo as carcaças. Foi assim que há uma semana conheci o meu amante de domingo.

Todos os domingos vou a Lisboa, folga das revisões, e agora para não dar um tiro nos cornos ou atirar com o jipe. No primeiro domingo depois de o caubói estrear o texto pensei nisso a cada curva. Ao segundo domingo já pensei melhor: dar um tiro nos cornos *dele*, atirar o jipe para cima *dele*. Um Lada Niva de 1994 nas trombas, não sobrava muito, massa de pimentão de filho da puta tenrinho.

Ia eu nisto, a sair da A6 para a A12, ali ao largo do Pinhal Novo, quando o capô começou a deitar fumo. Encostei, nove da manhã de domingo, foda-se. O homem do reboque demorou uma hora a chegar mas tinha um amigo mecânico na Bobadela que talvez pudesse dar uma vista de olhos. Ligou ao amigo, ele respondeu que sim senhor. Lá fui para a Bobadela à hora a que já estaria no centro de Lisboa a nadar, apurando a cada braçada o sofrimento mais adequado a um filho da puta criativo. Roda? Garrote? Esmagamento por pata de elefante? A vingança é muito subestimada até se manifestar, hoje sei que somos todos portadores, como um vírus à espera de oportunidade. Nisto, o reboque estacionou à porta da oficina, o mecânico abriu, olhou a direito, apertou-

-me a mão e hormonas, feromonas, neurotransmissores alteraram a rota dos planetas, ou terá sido aquele sorriso de esguelha que me fez pensar no cabrão do caubói, além de que o primeiro nome era igual?

Era um tubo roto mais o radiador furado, disse o meu futuro amante de domingo. Não ia conseguir resolver tudo até ao almoço, hora a que saía da oficina, mas pelas onze horas de segunda o jipe já devia estar pronto. Veja lá, disse eu, tratando-o pelo primeiro nome, tenho de voltar ao Alentejo amanhã de manhã, no máximo. Tem a minha palavra, garantiu ele solene, olhando a direito, e tratou-me pelo primeiro nome.

Portanto, nunca nos tratámos por senhor isto, dona aquilo, mas por você, desde o começo.

Espoliada do jipe, deixei a Bobadela de táxi e transpus o norte de Lisboa até Carnide para tratar da Lolita, a gata da minha amiga que faz pesquisa no Rio de Janeiro. A velhinha do rés-do-chão vai duas vezes por semana deixar comida, eu limpo a areia, lavo a caixa, compro comida, rotina de todos os domingos, antes de vinte piscinas no Parque Eduardo VII. Depois, de mês a mês, ainda dou um salto ao Chiado para tratar do cabelo. Vá que é tão louro quanto curto, os brancos não se notam tanto, mas há que matar um gajo sem perder o corte, a cor, a linha.

Raramente digo *um gajo*. É mais faroeste com Mercado do Bolhão, tipo, o cabrão do filho da puta do caubói.

O mecânico dera-me um cartão. Registei o número dele no telemóvel antes de deixar Carnide e, despachadas as vinte piscinas, mandei-lhe um sms sobre o serviço totalmente desnecessário do ponto de vista do serviço: *Olá, sou fulana. Conseguiu adiantar alguma coisa?* Ele respondeu minutos depois: *Não se preocupe ☺☺☺. . . os problemas hadem ser resolvidos ! . . .* Fiquei hipnotizada. Espaços entre os pontos das reticências? Caralho, a minha vida é rever gralhas. Aquilo não era uma gralha. Aquilo era a chamada da selva, onde a vida e a gramática podem enfim recomeçar.

Já que o Lada só estaria pronto na manhã seguinte, fui jantar a casa da minha melhor amiga, mãe da que está no Rio de Janeiro. Mãe e filha mantêm uma guerra de baixa intensidade, eu sou a agente dupla. A filha nunca pediria à mãe que lhe tratasse da gata, porque faz questão de não lhe pedir nada. A mãe era a gaja mais gira de Letras, e continua a ser a gaja de cinquenta anos mais gira de Letras, doutoramento, agregação, etc. Isto de ter cinquenta anos não sabemos bem como acontece. Um dia uma gaja está com quarenta, toda a gente lhe dá trinta, e de repente faz cinquenta. Aí, toda a gente diz que os cinquenta são os novos trinta. Mas como eu sou do Canidelo, concelho de Vila Nova de Gaia, o que digo é, quero o meu pescoço de volta, caralho.

A minha melhor amiga diz caralho mesmo sendo lisboeta mas deve ser a única. Depois de uma garrafa de vinho debruçámo-nos sobre esse clichê do porno que

é um mecânico, mais clichê só bombeiro, canalizador, trolha, de acordo, e daí?, no apocalipse do capitalismo seremos enfim irmãos, e entretanto o clichê é apenas a gaveta onde o civilizado acha que arruma o selvagem. Por acaso, quando a minha amiga foi fazer chá, tocava uma canção que dizia *Keep it in the bottom drawer where you hide the sex tools / I pray you always need them.* Exacto.

Só não rezo, é contra a minha falta de religião.

CAPÍTULO II
NELSON RODRIGUES
ENCONTRA O CÃO

Todo o coração fodido deve ter um recurso de carne e osso. Antigamente dizia-se tomar amante, aliás, os homens diziam. Atrás de Madame Bovary está um cavalheiro francês de bigodes, atrás de Anna Karenina um cavalheiro russo de barbas, além de que Bovary e Karenina são mulheres casadas. Mulheres solteiras não tomavam amantes, quando tomavam eram putas, e de qualquer forma não tomavam a palavra. Meu caro Nelson Rodrigues, obsessivo-compulsivo das adúlteras: um bolero, à sua.

Nelson Rodrigues é a pungência da canalhice. Que redenção a nossa vida não ser tão canalha. Ele dá a vida por nós, até à esponja de fel na Cruz. Uma noite li duas crônicas dele e depois fui por ali fora, crônicas, teatro, as edições brasileiras que achei. Em Portugal não se acha muito Nelson Rodrigues, por embirração política ou desinteresse editorial, mas de súbito, trinta e quatro anos depois da morte dele, um editor é atingido por um raio, resolve editar a biografia e faz-me chegar quinhentas páginas no dia 1 de Junho, para rever em duas semanas. Eu passara a noite anterior em claro, porque foi a noite em que o filho da puta

estrou o texto. Assim entrei na vida de Nelson Rodrigues quando a vingança acabava de se tornar o meu cão, dia e noite alegre, forte, fiel.

Alguém com uma vingança nunca está sozinho. Uma espécie de negativo da paixão, destruída a fotografia. O que foi luz é escuridão, o que foi escuridão é luz. É dessa energia reversa, adversa, que brota a pulsão de um amante: o pau como manguito à morte.

Em suma, eu queria o meu Lada de volta, e de caminho o mecânico. Na manhã seguinte à avaria mandei-lhe um SMS: *Bom dia fulano, sempre posso ir buscar o carro às 10h?* Ele respondeu: *Bom dia fulana ☺ . . . mais meia orinha, pode ser. . . ?* Aquelas reticências acabavam comigo.

Fui decotada. Sim, talvez só *o ser amado* possa ver *a linha nítida* que separa os peitos (perdão se o trair, Nelson Rodrigues, cito de cor) mas nas utopias falhadas de 2014 incluo (como não?) a do ser amado. Além de que, no meu caso, decote é sobretudo imaginação.

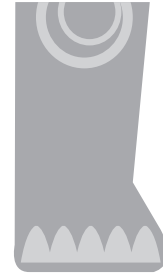
Às dez e meia, o meu futuro amante de domingo entregou-me o Lada pronto. Às onze eu ainda não tinha ido embora e ele já me tinha contado a história da sua vida, ilustrada por fotografias do filho no telefone, que era um *smartphone*, porque só os excluídos e os auto-excluídos não têm um *smartphone* em 2014. Como o filho morava com a mãe, e ele dizia *a mãe do meu filho*, deduzi que estava separado. Mas mais do que as fotografias retive as mãos, grandes, largas, com

unhas espantosamente limpas, como se ele as tivesse preparado para me receber.

Gostei das mãos, da voz, da massa. Sou aquilo a que se chama *mignone*, cinquenta quilos aos cinquenta anos, e gosto de gajos maciços, que pesem até eu quase sufocar, o contrário do que acontecia com o caubói. Demasiado novo e demasiado leve, duplo erro que dava para ver desde o começo, além de todo o resto que foi dando para ver. Quando nos fodem o coração de um momento para o outro, género um pé no chão, outro no ar, a grande perplexidade não é como vivemos o que vivemos mas como não vimos o que não vimos, ou seja, não a entrega mas a estupidéz. Se a paixão já é uma forma de suspensão do raciocínio, num caso de embuste dá-se uma paralisia cerebral progressiva: ele quer-me; ele quer-me à maneira dele; ele quis-me, não foi mentira. Golpe de misericórdia é saber logo que foi mentira. Porque se algo aí morre, algo começa a matar.

Eu e o meu futuro amante de domingo despedimo-nos a contragosto, achei eu (a capacidade de as gajas acharem é impossível de satisfazer). Felizmente, o multibanco dele estava avariado, eu não tinha dinheiro na carteira, e ele disse que preferia dinheiro em vez de uma transferência, portanto concordámos que no domingo seguinte eu voltaria para lhe pagar.

Seguiram-se mensagens sobre o bom estado do carro e outras desnecessidades. Tesão já é meia-decisão,



NOTA BIOGRÁFICA

Alexandra Lucas Coelho nasceu em Lisboa, em Dezembro de 1967. Estudou teatro no IFICT e comunicação na Universidade Nova de Lisboa. Publicou cinco livros de reportagem-crónica-viagem: *Oriente Próximo* (2007), *Caderno Afegão* (2009), *Viva México* (2010), *Tabrir* (2011), *Vai, Brasil* (2013) e o romance *E a Noite Roda* (Grande Prémio de Romance e Novela da APE, 2012). Tem carteira de jornalista desde Janeiro de 1987. Viveu em Jerusalém e no Rio de Janeiro.

NESTA COLECÇÃO

O Retorno *Este Samba no Escuro*
Dulce Maria Cardoso Raquel Ribeiro

Quando o Diabo Reza *Hotel*
Mário de Carvalho Paulo Varela Gomes

Dezoito Palavras Difíceis *Habitante Irreal*
Luís Rainha Paulo Scott

E a Noite Roda *Tudo São Histórias de Amor*
Alexandra Lucas Coelho Dulce Maria Cardoso

De Mim já nem Se Lembra *O Chão dos Pardais*
Luiz Ruffato Dulce Maria Cardoso

Dois Rios *Os Meus Sentimentos*
Tatiana Salem Levy Dulce Maria Cardoso

O Verão de 2012 *O Osso da Borboleta*
Paulo Varela Gomes Rui Cardoso Martins

Diário da Queda
Michel Laub

o meu amante de domingo

foi composto em caracteres Hoefler
Text e impresso pela Rainho&Neves,
Artes Gráficas, sobre papel Coral Book de
80 gramas, em Outubro de 2014.

